

## ÉVORA E OS PRIMÓRDIOS DA FOTOGRAFIA

*Artur Goulart de Melo Borges*

Apesar do pouco desenvolvimento da história da fotografia em Portugal<sup>1</sup>, são já conhecidas e assinaláveis as referências da **Chronica Eborensis**, de 1847, aos *Retratos ao Daguerreotypo* que então se tiravam no Convento dos Loios.

A invenção de tal processo fotográfico era coisa relativamente recente. No final dos anos 20 e início de 30, as experiências de Nicéphore Niepce e de Louis Jacques M. N. P. Daguerre para a fixação da imagem dos objectos vieram a culminar, com as inovações introduzidas por este último já após a morte de Niepce em 1833, num processo de reprodução fotográfica denominado de «daguerreotipia». O conhecimento de outras experiências congêneres, quer de Hippolyte Bayard, quer de Fox Talbot, vem contribuir para o desenvolvimento do processo e alimentar a discussão sobre a verdadeira paternidade da fotografia. O facto, porém, é que o processo de Daguerre obteve notabilidade excepcional ao ser apresentado por Arago, em 1839, à Academia das Ciências de Paris e anunciado oficialmente ao mundo como a invenção da fotografia.

Os periódicos portugueses fazem-se eco de todas estas novidades. Assim **O Panorama**, de Lisboa, de 16 de Fevereiro de 1839, sob o título *Revolução nas Artes do Desenho*, descreve com entusiasmo o processo de Daguerre e o relato de Arago à Academia francesa. No mês seguinte, a **Revista Litteraria**, do Porto, publica uma notável descrição das experiências de Talbot, *Dezenho obtido pela luz, ou processo segundo o qual os objectos por si mesmos se dezenharão sem socorro de lapis*.

Voltemos, então, à **Chronica Eborensis**<sup>2</sup>. Logo no nº 7 de 3 de Fevereiro de 1847, sob o título de *Retratos Photogenicos ou desenhados pela luz*, publica o anúncio<sup>3</sup>: *No Convento dos Loios<sup>4</sup> desta cidade se tirão Retratos ao Daguerreotypo por 1\$440 reis, as pessoas que quizerem utilizar-se deste bello invento pôdem dirigir-se ao dito edeficio todos os dias das 10 horas ao meio dia..* No suplemento ao nº 8, de 8 de Fevereiro, repete o anúncio e acrescenta, à utilização do atelier improvisado nos Loios, a possibilidade de um serviço ao domicílio, logicamente com um aumento de preço: *Tambem se vão tirar os retratos das S.<sup>as</sup> a suas casas por 2\$880 reis*. Volta a ser publicado deste modo nos nºs. 11 e 25, respectivamente de 18 de Fevereiro e 27 de Março.

A partir do nº 32 de 9 de Abril de 1847, até ao nº. 44 de 5 de Maio, vai aparecer por sete vezes novo anúncio, com uma diversificação de serviços e preços:

### *Retratos ao Daguerreotypo, nos Loios*

<i>Em chapas ordinarias</i> .....	1\$440
<i>Ditas dobradas</i> <sup>5</sup> .....	2\$400
<i>Nas casas particulares, em chapas ordinarias</i> .....	2\$880
<i>Ditas dobradas</i> .....	3\$840
<i>Havendo nestas casas mais de 2 retratos a tirar na mesma occasião, far-se-ha o abatimento de 480 por cada um</i>	

Um comentário do redactor da **Chronica**, nº 43 de 3 de Maio, publicado no corpo do jornal, sobre os referidos retratos, vem trazer algumas informações

importantes: *Vimos os retratos tirados pelo systema de Daguerreotypo, sendo o processo executado por uns habéis professores estrangeiros que se achão nesta cidade, e sem que nos deixemos segar pelo amor patrio, pelo affero [sic] que temos as obras de nossos nacionaes, atrevemo-nos a assegurar que os executados pelos srs. Gammas<sup>6</sup>, são muito mais perfeitos, e sendo melhor a execução, e os preços muito menores, devem ser preferidos os nacionaes; quem quizer vêr a prova, póde examina-la na loja do sr. Salgueiro<sup>7</sup>, na praça grande, que se achão expostos os exemplares dos srs. Gammas.*

Portanto, estiveram em Évora, de Fevereiro a Maio de 1847, daguerreotipistas ambulantes estrangeiros. Todavia, já se executavam em Évora os daguerreotipos – pelos srs. Gammas – com melhor qualidade e por menor preço. Mas, desde quando?

Uma carta de Cunha Rivara permite-nos recuar pelo menos até ao início de 1844, muito poucos anos após o anúncio da invenção da fotografia em Paris.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, bacharel em Medicina, professor de Filosofia, é nomeado a 21 de Dezembro de 1838 bibliotecário da Biblioteca Pública de Évora, cargo que vai manter até 1853. Durante esse período, vai exercer uma acção notável de inventariação, catalogação, investigação e divulgação do valioso espólio arquivístico e bibliográfico da biblioteca eborense, bem como do património monumental da cidade. Troca correspondência com as mais importantes figuras do mundo cultural e científico de então e entrega-se a uma colaboração frequente nas principais revistas literárias da época, entre elas, **O Panorama**, de Lisboa, para onde escreveu umas dezenas de artigos entre 1838 e 1854.

É precisamente numa carta de Cunha Rivara para os directores da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, editora de **O Panorama**, que nos surge a mais antiga referência aos daguerreotipos em Évora. A 22 de Janeiro de 1844, escreve Rivara: *Um am.º meu desta Cid.ª tem agora um Daguerreotypo. Pede-me pergunte a VS.ª se aceitarão p.º o Jornal algumas vistas desta Cid.ª etc e por quanto lhes convem receber cada chapa. Se VS.ª aceitarem, eu me encarrego de fazer os art.º. p.ª cada estampa.*<sup>8</sup>

A resposta dos directores, M. A. Vianna Pedra e Antonio M. Gomes, é de 10 de Fevereiro: *Em quanto ás vistas dessa Cid.ª. será necessário que o amigo de VS.ª nos declare quanto exige por cada chapa, afim de poder-mos [sic] decidir o que melhor nos convier.*<sup>9</sup> A negociação não deve ter ido por diante, pois não aparece qualquer outra informação no espólio de Rivara, nem a revista a isso se refere.

Cunha Rivara compreendia perfeitamente a utilidade de uma tal imagem para a ilustração de um texto, sobretudo pelo que representava de veracidade e realismo, mesmo que, a partir dela, fosse feita a gravura para impressão como então acontecia. Por exemplo, durante parte de 1839 e de 1840, Rivara tentou obter um bom desenho do templo romano, nessa altura ainda não desobstruído da construção que o absorvia e ainda ligado aos edifícios da velha Inquisição, para uma gravura que ilustrasse um artigo sobre aquele notável monumento eborense. Mas, quer pelo desentendimento entre desenhadores, um amigo de Rivara, outro contratado pelos directores de **O Panorama**, quer por necessidade de correcção das gravuras já conhecidas, quer pelo atraso de todo o processo, acabou por não ser publicado<sup>10</sup>.

Cerca de dois anos mais tarde, Rivara tentará nova divulgação dos monumentos eborenses, desta vez a nível internacional, para uma das melhores revistas ilustradas que então se publicava, de excelente qualidade gráfica, **L'Illustration**, de Paris. Em Outubro de 1846, ainda antes das notícias da **Chronica Eborense**, Rivara escreve aos editores da revista, Messieurs Dubochet et C.º.

Libraires, rue Richelieu, 60, Paris, enviando um daguerreótipo do Palácio de D. Manuel e um texto alusivo, e oferecendo-se para continuar a colaboração nos mesmos moldes em condições a estabelecer:

*Evora, le 1 octobre 1846*

*Messieurs*

*Votre Illustration est un Recueil Universel, et comme Recueil Universel elle promet, peut, et doit contenir la description et la notice des choses et des scènes de tout le monde; non tant des choses et des scènes les plus connues, connue [sic]; et sur-tout de celles qu'on ignore, ou qu'on connaît mal.*

*Mon Pays est ou mal connu, ou tout-à-fait ignoré dans l'étranger. Je ne sçais si cela provient de ce qu'on n'y voyage presque point, ou si cela arrive malgré les voyageurs, ou encore à cause des rapports, presque toujours fautifs, de ces mêmes voyageurs, espèce de philosophes improvisés, qui le plus souvent ne comprennent guère ce qu'ils voyent, parce qu'il leur manque du loisir, et quelquefois peut-être de l'intelligence.*

*Voilà donc pourquoi j'ai cru que vous, Messieurs, ne dédaigneriez pas d'admettre dans votre Journal quelques vues et quelques scènes de la nature, des moeurs, et des costumes de ce pays-ci.*

*Il a ici en de mes amis qui pourra vous fournir sur ces sujets des plaques daguerreotypées, et moi je pourrai faire accompagner ces plaques d'articles explicatifs, historiques etc. sur chaque sujet. Ces articles seront écrits en portugais, parce que, comme vous voyez, j'écris très mal en français. D'ailleurs il vous sera très aisé de les faire traduire en français, de les corriger, et les améliorer.*

*Pour échantillon je vous envoie une plaque, représentant le Palais du Roi Dom Emanuel à Evora, avec son article correspondant.*

*À present, c'est à vous à juger s'il vous convient d'acquérir pour l'Illustration, et de faire paraître dans ses pages les travaux de deux hommes obscurs, et qui vivent exilés du grand monde dans le presque-désert d'une ville de province en Portugal. C'est à vous aussi à juger à quel prix, et sous quelles conditions vous convient de les acquérir, et d'établir les bases pour quelque arrangement entre nous.*

*En tout cas, Messieurs, je vous prie de m'adresser une réponse quelconque, afin que nous sachions à quoi nous en tenir : et en tout cas aussi j'ai l'honneur d'être, Messieurs,*

*vôtre très humble et très  
obéissant serviteur*

*J. H. da Cunha Rivara*

*Professeur de Philosophie  
et Bibliothécaire à Evora.<sup>11</sup>*

Tal como no caso de **O Panorama**, não há notícia de resposta dos editores de **L'Illustration**, nem aparece na revista a representação do Palácio de D. Manuel, nem mesmo na secção de cartas dos leitores vem mencionada a missiva de Rivara. **L'Illustration** dedicava o essencial das suas páginas aos assuntos franceses, às novidades científicas e, com muita frequência, a paragens de evidente exotismo para um europeu, como certas zonas do Norte de África e do Oriente.

Não conhecemos, infelizmente, o daguerreotipo enviado, mas ficou-nos arquivado junto à carta o rascunho do texto que o acompanhava, com uma outra imagem do Palácio de D. Manuel, a da descrição colorida e saudosista de glórias

passadas, preocupada em fazer ressaltar a beleza do edificio apesar do estado de abandono em que se encontrava.

### ***O Palacio d'ElRey D. Manoel em Evora***

*Entrava o seculo 16º quando ElRey D. Manoel de Portugal fazia erigir sobre os muros da sua muito nobre e sempre leal Cidade de Evora um levantado Palacio; lindo, elegante, e ornado de todas as gallas e primores daquella architectura floreada, e feiticeira, que do mesmo Rey tomou o nome de estylo Manuelino.*

*O Rey, por sobrenome o venturoso; o Rey por cujas portas começavam de entrar todas as riquezas do velho, e novo mundo, não cabia já no estreito recinto, que haviam occupado seus antecessores, porque pobres e empenhados com qualquer modesto aposento se contentavam.*

*Queria, quando houvesse de dar banquetes e saráos, ter em seus reaes Paços sallas e camaras, onde receber seus convidados. Porque era duro, e pouco airoso a um tal Rey o haver de imitar a seu Primo D. João 2º, que por occasião de umas grandes festas se viu forçado a accrescentar aqui mesmo seus acanhados Paços, com outro quasi Palacio de madeira.*

*Queria ter sallas magestosas e esbeltas, onde podesse receber com fausto os embaixadores dos Reys de Europa, e a seus vassallos os Principes e Reys de Africa e Asia.*

*Queria, finalmente, Paços espaçosos, onde podesse ir agasalhando a tanto numero de filhos, que lhe promettiam uma infinidade de netos.*

*E na verdade amplos e espaçosos; magestosos e esbeltos eram estes reaes Paços de D. Manoel.*

*Velo-heis ainda de suas ruinas: velo-heis desses restos, que ainda estam em pé, posto que derrocados e descompostos; e que a nossa estampa vos mostra.*

*Pelo que na frontaria carcomida e deturpada dura ainda das cantarias das janellas, facilmente se imaginam os finos recortes da sua arcaria, a elegancia de suas columnatas, os florões e ornatos de seus capiteis.*

*E mesmo assim estas ruinas, e estes restos recordam um não sei que das bonanças e prosperidades de antigos tempos.*

*E quantas vezes passeando eu meditabundo pela extensa planicie subjacente, me parece estar vendo debaixo dos recortados circulos dessas janellas os vultos dos Pachecos, dos Albuquerque, e dos Castros praticando com seu Rey sobre os destinos de infinitas nações!*

*E quantas vezes me parece ver no Pavilhão oriental um grupo de pagens, e escudeiros, commemorando as proezas dos capitães, e cavalleiros d'alem mar; e ganhando assim brios para depois os imitarem, e excederem!*

*E quantas vezes me parece ver as donzellas e donas da polida e elegante corte dos Reys D. Manoel e D. João 3º, tomar a fresca viração da noite na varanda do sul!*

*E ouvir d'entre o arvoredado dos jardins os enternecidos cantos de Bernardim Ribeiro!*

*E ecchoar aquellas abobadas com os estrondosos applausos aos chistosos Autos de Gil Vicente!*

*Estas, e semelhantes scenas se passavam sem duvida aqui nos tempos de D. Manoel, e de D. João 3º; e ainda ás vezes no de D. Sebastião.*

*Mas quando a Coroa e o Reino passaram a mãos estranhas, o Palacio ficou naturalmente deserto, e abandonado.*

*Por deserto e abandonado cedeu Philippe 3º a maior parte delle aos visinhos Frades Franciscanos.*

*E que ha nesta terra de Portugal de grande e nobre; que ha aqui de rasteiro, e de mesquinho, em que não entrassem Frades?*

*Os Frades pois aproveitaram para seus usos o que lhes conveiu: o mais ... deixaram-no desabar em ruínas.*

*É que tambem havia Frades vandalos!*

*A pequena parte que a nossa estampa representa não entrou na doação dos Frades.*

*Foi destinada a deposito de armamento, e outros petrechos militares, e dahi lhe veiu o nome de Trem, porque hoje é conhecida.*

*E a mão de ferro do soldado ignorante quebrou os labores manuelinos, despedaçou ricas columnas, e florões de fino marmore; e entupiu as mais elegantes janellas do mundo com uma pouca de estúpida argamassa.*

*Mas ainda assim o soldado desta vez foi um pouco menos vandalo do que o Frade!*

*Este Palacio por tanto pode dizer-se o symbolo, a testemunha, o companheiro, e até o representante das glorias e esplendor da nação portuguesa.*

*Nascido como ao despontar dessas glorias; conservado illeso em quanto ellas se sustentavam; abandonado quando o paiz passando a mãos estranhas se abandonou a si proprio; entregue ao poderio monastico quando este prevalecia em rodos os negocios do estado: foi caindo a pedaços á proporção que iam tambem caindo a uma e uma essas glorias, e desfazendo-se o edeficio por ellas fabricado.»*

*«J. H. da C. R.<sup>12</sup>*

---

<sup>1</sup> António Sena, **Uma História de Fotografia**, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991 (Sínteses da Cultura Portuguesa – Europalia 91).

<sup>2</sup> Começou a publicar-se com edição bi-semanal em 13 de Janeiro de 1847, dirigida pelo notável publicista Padre Joaquim Manuel de Moura Lampreia. A partir do n.º. 18, 9 de Março, passa a publicar-se três vezes por semana. Acaba no n.º. 64 em 14 de Junho de 1847.

<sup>3</sup> Apesar de logo no n.º2 indicar que «tambem se publicação annuncios a 20 reis cada linha», estes serão sempre muito poucos, um a três por número, sobre a venda de animais ou alguns produtos, para além dos referidos retratos.

<sup>4</sup> Com o decreto de 1834 de extinção das ordens religiosas é integrado nos bens nacionais, vindo depois a ser restituído à Casa Cadaval proprietária quando da fundação do mosteiro. Até 15 de Janeiro de 1917, data em que foi expropriado pelo Estado para pertencer à Biblioteca Pública, teve muitas utilizações, quer de apenas algumas salas, como no caso presente, alugadas para fins diversos, quer todo o edificio para Estação Telegráfica, Quartel ou Escola.

<sup>5</sup> O daguerreotipo, sendo um processo positivo directo, não permitia cópias. Querer uma «cópia» de um retrato, era tirar outro, com todas as implicações de um processo demorado, incómodo e dispendioso.

<sup>6</sup> Quem seriam estes senhores Gammas? Ainda não foram identificados. Provavelmente um deles será, como se verá a seguir, aquele amigo de Cunha Rivara que tira daguerreotipos. Sabemos, por exemplo, que Cunha Rivara era amigo de Joaquim Aparício da Gama que chegou a ser vereador da Câmara no biénio 1842-43, mas até agora nada nos leva a concluir que fosse este Gama e não outros.

<sup>7</sup> José Maria Salgueiro, com loja na praça do Giraldo. Pertenceu, por exemplo, ao grupo de lojistas de «Capella e retrozes» que em sessão de 19 de Junho de 1843 pedem à Câmara para, na feira de S. João, armarem as suas lojas na primeira Rua «e que os Quinquilheiros e Ferrageiros compossem a segunda Rua, com preferencia os da Cidade aos de fora».

<sup>8</sup> BPE, Fundo Rivara, Arm.º. IX, n.º. 17, doc. 116 /resp.

<sup>9</sup> BPE, Fundo Rivara, Arm.º. IX, n.º. 17, doc. 117

<sup>10</sup> Em carta de 25 de Junho de 1840 escrevem os editores de **O Panorama**: «(...) Como o pintor que levou os desenhos do templo de Diana não tem dado noticias de si, daremos sem estampa a serie de

---

artigos sobre Evora que esperamos V<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. nos remetterá.» - BPE, Fundo Rivara, Arm<sup>o</sup> IX, n<sup>o</sup> 17, doc.99.

<sup>11</sup> BPE, Fundo Rivara, Arm<sup>o</sup> IX, n<sup>o</sup> 21, doc. 4 n<sup>o</sup>

<sup>12</sup> BPE, Fundo Rivara, Arm<sup>o</sup> IX, n<sup>o</sup> 21, doc. 5